

Monas(1) : amapôs(2) ou ocós(3) ?

Notas sobre travestis adolescentes e a rede de atendimento

"Nenhuma criança ou adolescente será objeto  
de qualquer forma de negligência,  
discriminação, exploração, violência, crueldade e  
opressão, punido na forma da lei qualquer atentado,  
por ação ou omissão,  
aos seus direitos fundamentais."  
Artigo 5º do ECA

Durante o I Encontro "Identidade de Gênero: Travestis e Transexuais adolescentes e a rede de atendimento", realizado em Campinas/SP no final do ano de 2005, pude verificar com muita clareza o quanto as travestis adolescentes têm exposto as nossas (4) dificuldades em aceitar o valor da diversidade humana, o nosso apego exagerado às regras institucionais e nossa limitação em compreender que mudanças mais radicais precisam ser elaboradas quotidianamente em nosso trabalho.

Reconheço o quanto a travestilidade (5) é complexa e subversiva diante de nossos valores institucionais, morais, éticos, religiosos, profissionais e pessoais. Afinal, o que está em questão é a nossa tradicional interpretação do que vem a significar o que é "ser homem" e "ser mulher" em nossa sociedade. Assim, a travesti adolescente que se identifica a partir da intersecção destes dois significados, nos confunde e questiona. Não é à toa que o hibridismo desta expressão identitária tem sido valorizado em espaços bastantes vulneráveis, como o da Exploração Sexual Comercial, e tem encontrado dificuldades constantes em ser acolhido nos locais onde todos nós trabalhamos.

Porém, este II Encontro me coloca esperançoso diante desta realidade, afinal, a reflexão sobre a travestilidade na adolescência continua nos unindo e nos tornando fortes diante de situações que somos chamados a transformar; e para gerar estas transformações, sugiro que:

1 - Compreendamos que "sexo" está para além daquilo que reconhecemos como biológico. Em outras palavras, o meu corpo em si, não determina o meu "sexo". A minha visão de mundo, os meus valores, àquilo que me seduz em mim e no outro, àquilo que não posso suportar em mim ou no outro, a diversidade de maneiras de construir meu corpo e de vivenciar a minha identidade é que está entre os fatores que me diz sobre quem eu sou; não os meus órgãos genitais ou o instrumento legal (jurídico) que foi usado quando nasci para me classificar como sendo apenas "homem" ou "mulher".

2 - Percebamos que ser travesti adolescente só tem sido ameaçador à vida digna e de qualidade porque os espaços de sociabilidade desta população estão distantes de muitos direitos fundamentais. Não é a identidade travesti que devemos combater, mas a realidade de preconceito, crueldade e injustiça que a cerca e a coloca em risco. Precisamos ser corajosos para enfrentarmos a causa dos problemas, não buscar resolvê-los da forma aparentemente mais simples e superficial.

3 - Tenhamos abertura ao novo, às informações e percamos o medo em discutirmos sexo, práticas sexuais, orientação sexual, identidades de gêneros, prazeres, amores, corpos e diferentes identidades. A adolescente travesti estaria exposta a menos riscos se conseguisse se expor em nossos locais de trabalho sem medos, culpas e vergonhas.

4 - Sejamos humildes e inteligentes em saber ouvir. A escuta atenta a todo adolescente, independentemente de ser travesti ou não, pode nos dar importantes respostas às nossas dificuldades e nos fazer mais competentes para ajudá-los a se tornarem, juntamente conosco, e não do nosso modo, pessoas mais felizes.

5 - Reconheçamos que vivemos em uma sociedade que é organizada para que alguns corpos sejam valorizados e muitos outros desconsiderados. Façamos uma análise bastante séria e objetiva sobre a quem interessa as nossas dificuldades em aceitar a diversidade sexual e as múltiplas identidades de gêneros. A quem interessa que não compreendamos as muitas possibilidades que o ser humano tem de se constituir verdadeiramente diferente dos demais?

6 - Estejamos dispostos a rever nossos valores e refletirmos sobre o que já aprendemos. Façamos os devidos questionamentos sobre nossos próprios preconceitos diante da imagem da travesti adolescente e de sua performance de gênero. Peçamos ajuda, se for necessário, para que compreendamos esta identidade desafiadora, mas não menos valiosa e importante do que todas as outras.

A partir destas posturas, poderemos criar outras; além de partilhar as conquistas e dificuldades que cada profissional da rede de atendimento possa, eventualmente, já ter tido com alguma adolescente travesti. No entanto, o que tem ficado cada vez mais inaceitável são as posturas de quem não quer se comprometer diante de tal realidade, contribuindo para que as travestis adolescentes permaneçam em risco social e muito vulneráveis. Afinal, as monas (independentemente de serem classificadas por amapôs ou ocós) necessitam de apoio e reivindicam o respeito à sua identidade, sexualidade, orientação sexual e à forma que têm se constituídos enquanto pessoas.

Tiago Duque

Educador da Casa Guadalupana - APOT, Teólogo Leigo, Sociólogo e Militante do Identidade - Grupo de Ação Pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais. E-mail: duque\_hua@yahoo.com.br

#### NOTAS:

(1) Monas, é um termo usado carinhosamente entre as travestis, para se dirigirem umas às outras.

(2) Amapôs, que significa "mulheres", é uma palavra em bajubá, dialeto oriundo de espaços de religiões afro-descentes, muito empregado por travestis brasileiras.

(3) Ocós, em bajubá, corresponde à palavra "homens".

(4) Incluo-me, utilizando a terceira pessoa do plural, entre os educadores(as), monitores(as), assistentes sociais, médicos(as), enfermeiros(as), voluntários(as), psicólogos(as), terapeutas ocupacionais, advogados, coordenadores(as), religiosos(as) e

demais profissionais que trabalham com crianças e adolescentes na rede de atendimento em Campinas/SP. Inclusive, são a estas pessoas que este texto se destina.

(5) Justifico a utilização do termo "travestilidade" e não "travestismo" pelo fato de na Classificação Internacional de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID - 10, constar expressões e significados, como "travestismo", que não dizem respeito à experiência vivenciada pelas travestis que tenho observado. Esta opção terminológica, a partir desta mesma justificativa, fazem todos os recentes estudiosos que têm se proposto a analisar travestis no Brasil. Ser travesti não é doença, logo não devemos empregar o sufixo "ismo" na palavra travesti.

Tiago Duque: Bacharel em Ciências Religiosas, Aluno do 4º ano de Ciências Sociais, Militante do Identidade (Grupo de Ação peça Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais), Coordenador de Articulação com Movimentos Sociais do Grupo Identidade e colunista do site [www.espacogls.com](http://www.espacogls.com). E-mail: [duque\\_hua@yahoo.com.br](mailto:duque_hua@yahoo.com.br).